

A ocupação de Caconde

DESOCUPADA Caconde pelos paulistas, o inimigo levou ainda algum tempo a espreitar, em silêncio, a terra que daí a pouco seria conquistada.

Tudo monótono, desenhado, sensabor, ainda se fazia ouvir, sem que, entretanto, tivesse resposta.

Caconde, nesse instante agudo de sua existência, era um “vale de lágrimas”, um tumulto de aflições, em que todo um povo honrado jazia imolado na sua soberania.

Para mais de um século viveu á sombra da liberdade, sem nunca ter provado o sacrifício que acarreta uma ocupação militar.

Manifestações do sfados, do destino que, ás vezes, é cruel.

Particularidades imprevistas e especialíssimas, que gravitam em torno de acontecimentos que jamais poderiam obscurecer a luz da realidade, dão origem, muitas vezes, a desilusões que assaltam e conturbam o espírito do homem, sem que, todavia, promovam a falência de sua vontade.

Foi num ambiente de natureza tal que os ditatoriais ocuparam esta cidade, que havia caído, mas de pé.

A ocupação teve início ás 11 horas, mais ou menos.

Entra na cidade, primeiramente o Tte. Lindolfo, comandando uma patrulha de 4 soldados. Entrou pela estrada que fica á direita da Capela de Nossa Senhora Aparecida.

Á sua Camacans é logo efetuada a prisão de 7 soldados paulistas comandados pelo Tte. Plínio Amaral, redator do “Correio do Povo”, de Campinas.

Esses bravos defensores de Caconde vieram a cair prisioneiros, visto terem retardado o abandono de sua trincheira. Foram aprisionados e mandados para a Capital Federal, onde permaneceram até o fim das hostilidades.

Ao se defrontarem os soldados da Ditadura com os de São Paulo, um deles, quando passava busca no Tte. Plínio Amaral, disse ao Tte. Lindolfo:

--- Tenente, este também é um Tenente!

--- Oh! um colega! Então terem os caça grossa, respondeu o oficial ditatorial.

A seguir, a mesma patrulha invasora deu voz de prisão a dois civis que permaneceram pacatamente á esquina da residência de Primo Barboni.

Tratava-se de Francisco Liuzi e Gilberto Biondi, dois cavalheiros conceituados nesta localidade.

Presos, foram intimados a indicar as sedes da prefeitura municipal, das coletorias, da cadeia, do telefone, do grupo escolar, do telégrafo, assim como os logares onde haveria gasolina, etc.

Lembro-me ainda de um soldado frenético e mondongo que foi ter á casa do José Tomaz Lelis para exigir-lhe gasolina.

Como o José lhe respondesse que não tinha, foi intimado a comparecer á presença do Capitão que estava a chegar para dar-lhe as devidas explicações.

Depois, o repicar dos sinos no alto do campanário...

O sino, disse-o alguém, “solta o grito de alma nas horas de perigo, canta festivamente nos dias de alegria, chora e lamenta nas horas de luto e tristeza”¹.

Nesse momento supremo da existência de Caconde a voz dos sinos nada mais era que uma advertência aos ditatoriais ungida ao sentimento de tristeza desta população inteira.

O grosso das tropas e seu comandante entraram, então, a seguir.

Quase todos mineiros. Eram, muitos deles, da Força Pública do visinho Estado.

Comandava-os o Capitão Vicente Justiniano de Faria. Oficial garboso e moderado.

O cidadão Pascoal Mazzili Neto, antigo e honrado coletor estadual deste município, foi intimado pelo Cap. Faria a fazer-lhe a entrega do saldo existente na sua repartição – cerca de 250\$000 – assim como a conservar-se detido, aqui, sob palavra, sem, entretanto, alçada para exercer suas funções.

O prédio da sede da prefeitura foi encontrado fechado. Não quizeram arrombá-lo.

Na coletoria federal, graças á habilidades do exator, que é mineiro, tudo correu ás mil maravilhas.

No telégrafo nacional nada foi encontrado, pois, o respectivo aparelho havia sido carregado pelas forças paulistas.

O telefone que estava radicalmente inutilizado foi restaurado ás pressas, fazendo-se as ligações indispensáveis para Minas.

No correio, nada de novo.

¹ Citação da “Poliantéia” do Comendador José Umbelino Fernandes Júnior, do Jornal “A Sentinela”, edição especial de dezembro de 1924.

O aquartelamento das forças do cap. Faria teve lugar no edifício do grupo escolar.

Em virtude de ter sido Caconde ocupada, os comerciantes e as famílias, conservaram, dias a fio, os seus estabelecimentos e residências completamente fechados.

Caconde havia emudecido a sua atividade.

Protesto de uma profunda magua que dominava todos os corações da gente cacondense.

Quase todos os soldados que compunham a 1.^a coluna do Cap. Faria eram irregulares, e poucos os que não eram de cor e de extravagante catadura.

Quem conhecera os soldados paulistas – flores da civilização – e depois se viu, de súbito, cercado por homens assim, naturalmente teria de ficar apreensivo, preocupado, desconfiado.

E daí o motivo porque muitas famílias se retiraram para sítios afastados da cidade.

Entretanto, seja-se sincero. Se se não registraram aqui cenas degradantes ou repugnantes é porque á frente dos soldados estava um militar de conduta moral apreciável.

O Cap. Faria, diga-se de passagem, soube agir á altura dos verdadeiros princípios da humanidade e moralidade, garantindo vidas e propriedades, assim como o respeito ás famílias.

Daí o viverem os seus soldados rigorosamente refreios.

E teria de ser assim, visto que grande era o número dos irregulares.

O Cap. Faria, com tal proceder, honrou a farda que envergava, criando em Caconde, como dantes, um ambiente de absoluta segurança e tranqüilidade.

Ainda assim, rigor á solta, vários incidentes foram registados, aqui e acolá, tendo sido os seus promotores devidamente punidos.

Para exercer, respetivamente, as funções de prefeito municipal e delegado militar, durante o período de ocupação, o comandante Faria nomeou os cidadãos José Sebastião de Sousa e Tte. Moacir Bueno, que logo assumiram o exercício dos seus cargos.

Ambas essas autoridades tem sua residência em Muzambinho.

No dia 27 de Agosto o Cap. Faria assinou e fez distribuir nesta cidade o seguinte boletim:

“AO POVO. — O comando das forças mineiras em ocupação desta cidade saberá manter a ordem, podendo as famílias, sem receio, retomar aos seus hábitos normais de vida, porquanto terão todo o respeito e acatamento por parte da tropa aqui acantonada. Outrosim, pede ás autoridades e funcionários públicos que assumam o exercício dos seus cargos, para o que terão todas as garantias necessárias. A Força Pública mineira, ocupando esta parte do território paulista, não teve em vista nenhum intuito de hostilizar o culto e operoso povo de São Paulo, mas apenas cumprir ordem, pois essa milícia se tem colocado sempre ao lado do seu supremo chefe, que é o presidente de Minas. Para melhor manter a ordem e assegurar a boa marcha de todos os serviços durante o período de ocupação, nomeio para o cargo de interventor do município o Dr. José Sebastião de Sousa e delegado militar o Tte. Moacir Bueno”.

Do “Correio da Manhã

TELEGRAMAS...

RETIFICAÇÕES

*(***) — Belo Horizonte, 27 (do correspondente) — Informa o Sr. Francisco Lessa, prefeito de Guaxupé, em telegrama procedente dessa cidade, ás 16 horas:*

“Acaba de chegar a notícia de que o cap. Faria ocupou Caconde, fazendo 10 prisioneiros, dos quais um tenente. Não tivemos baixas. Na frente de Moraes Sales, os paulistas tentaram contra-ataque que foi rechassado pelo pelotão do tenente Levindo Minaranda, da “Companhia Laurentino”. Ainda desta vez traziam a bandeira branca, içada num caminhão, á vanguarda, o qual se acha em nosso poder. Deixaram, também, dois feridos graves, que foram aqui socorridos. Foram apreendidas duas metralhadoras pesadas e muita munição. Saudações. (a) Francisco Lessa, prefeito”.

*(***) O número de prisioneiros é 7 e não 10. Houve baixas, porque logo no início do ataque a Caconde foi feito prisioneiro um soldado ditatorial que foi enviado, depois, para São Paulo.*

(***) – *Belo Horizonte, 27 (do correspondente) – Foram nomeados os Srs. Moacir Bueno, delegado de polícia, e João Pinto, secretário da prefeitura de Caconde. O comandante da tropa mineira, no setor de Guaxupé, nomeou prefeito de Caconde, no Estado de São Paulo, o dr. José Sebastião de Sousa.*

(***) *Belo horizonte – 28 (do correspondente) – De Guaxupé, ás 10 horas do dia 27, o major João Lemos transmitiu o seguinte telegrama urgente: “As tropas paulistas batidas em Morais Sales, ao retirar-se, passaram pela fazenda do dr. Luis Pereira de Toledo, prefeito de Tapiratiba”.*

(***) *Na fazenda do dr. Luis verificaram-se depredações de toda sorte, cujos prejuízos atingiram algumas dezenas de contos de réis. E consta que tais depredações não foram dos paulistas...*

(***) *Belo Horizonte, 28 (do correspondente) – Comunica o dr. Licurgo Leite: “Muzambinho, 27. Dr. Gustavo Capanema. Em adiamento ás informações anteriores, relativas á tomada de Caconde, é de justiça resaltar a atuação eficiente do 16.º B. I., destacando-se o ardoroso espírito combativo do grupo de voluntários da cidade de Campanha, conduzidos pelo sr. José Messias presente a toda a luta, sendo dos primeiros a pisa a cidade paulista. (a) – José Januário de Magalhães, prefeito”.*

(***) *Este despacho vem confirmar o que disse anteriormente, isto é, que a maior parte das tropas mineiras constituia-se de soldados irregulares.*

(***) *Belo Horizonte, 30 (do correspondente) – O Sr. Gustavo Capanema, Secretário do Interior, recebeu do major João Lemos o seguinte telegrama:*

“Guaxupé, 29 – Tenho o prazer de comunicar que Tapiratiba foi ocupada ás 17 horas de hoje pelas nossas tropas, tendo os paulistas se retirado sem combate, na direção de Itaiquara. Encontramos a cidade em ordem, mas despovoada. Aproveito o ensejo de ssa nossa vitória, para mandarmos nossas respeitosa s saudações”.

(***) *Tapiratiba não estava despovoada. Apenas algumas famílias tinham-se retirado.*

Os paulistas abandonaram-na no mesmo dia em que se retiraram de Caconde.

(***) *Belo Horizonte, 30 (do correspondente) – “Continua com pleno êxito a ofensiva da brigada Amaraal dentro do território paulista. O major João Lemos ocupou Itaquara, depois de um combate de 4 horas”.*

(***) *É verdade. E depois de um combate de 4 horas os paulistas se retiraram sem nenhuma perda, para São José do Rio Pardo. Nesse ataque os ditatoriais tiveram numerosas baixas.*

Cessa aqui, quanto a este setor, a ofensiva dos telegramas, porquanto a ofensiva dos soldados da Ditadura também se houvera estacado de vez, não indo além da lendária ponte Limoeiro. Daí para adiante, o declínio, o fracasso, por completo, das tropas do Major Lemos.

São Roque mutilado

A *MATRIZ local – casarão remoto, quasi secular², rusticamente vestida – que se ergue no dorso da cidade como atestado eloqüente da tradição e da fé deste povo, - é um relicário histórico do passado, onde, em verdade, á luz da crença e em silencio*

² “quasi secular” – A Igreja Matriz havia sido reformada para o Centenário de Caconde em dezembro de 1924, sendo sua estrutura modificada. Portanto, na data do ocorrido (1933) faziam apenas nove anos desta reforma. Segundo pesquisas no Livro Tombo da Paróquia, encontramos indícios de início de uma reforma em meados de 1935 e 1936, a qual deve ter sido concluída totalmente em 8 de dezembro de 1939, com a inauguração das duas novas torres arredondadas.

simbolicamente expressivo, se refazem consciências desalentadas, muitas vezes refalsadas por caprichosas e bizarras em oções ocultas.

É ali que todas as amarguras humanas se suavizam para dar lugar á cristalização dos sentimentos interiores que o mistério da religião soberanisa como índice da felicidade dos hom ens.

A ladainha dos sinos concita os crentes a orar e a meditar, diariamente, naquele silencio profundamente místico, em que Deus é evocado em preces que os corações aquecem e as alm as acalentam.



Há, no interior da igreja de Caconde, os símbolos da santidade. E entre tantos que a enriquecem, lá está o de São Roque, - busto sereno e austero de um solitário que teve existência selvagem, - e que foi vitimado pelas balas que com bateram São Paulo.

Dos projetis da Ditadura que alvejaram a Matriz durante o tiroteio, um deles, perfurando uma das janelas do frontispício, foi atingir o vitral do nicho de São Roque, decepando-lhe, ali, o braço direito.

E o estilhaço do projétil aludido lá ficou, ao pé do Santo, para eternisar, com eloqüência, á passagem dos tempos e das gerações o grau de civilização dos homens.

Ocupada Caconde pelas tropas inimigas, muitos soldados foram ter á igreja, onde, então, presenciaram, boquiabertos, aquele quadro que sacrilegamente haviam emoldurado.

Impressionados e arrependidos, pois eram crentes também, os soldados da Ditadura não puderam ocultar sua indignação e reprovação contra tamanho atentado.

São Roque, quando nas selvas, teve um a chaga profunda que se cicatrizou, aos poucos, graças ao contato da língua do seu cãosito inseparável.

Porém, a chaga que se lhe abriu agora é mais profunda, mais dolorida ainda e há de sangrar eternamente, em sinal de protesto contra a humana civilização, que ainda, em parte, é feita de heresias.

São Roque, eterno e infinito, acompanha também São Paulo na sua dor inensa e, num gesto de revide santificado, exclama, mercê de Deus: “Filhos de Piratininga; as tuas chagas poderão verter, aos borbotões todo o teu sangue. Mas, á sua tona, flutuará, insubmersível, até cristalisar-se um dia em realidade o teu grandioso Ideal, que é filho da tua honra e da tua cultura. Neste instante agudo da tua existência tens tédio na alma, porém, mais forte que a tua alma é a tua consciência. Segue-lhe, pois, os ditames e triunfarás”.

Abrigo a soldados paulistas

A PÓS terem-se retirado as tropas da Lei para São José do Rio Pardo, vários soldados paulistas, premidos pelas contingências difíceis que a situação lhes esboçara, nenhuma outra resolução poderiam ter tomado a não ser a de que aqui permanecessem, até que ultiores providências fossem postas em prática, em seu benefício.

Por isso, certas famílias, com carinho indizível, não vacilaram em dar abrigo, sob toda a garantia possível, áqueles que haviam lutado heroicamente por Caconde e que a sorte não permitti tivessem acompanhado os seus irmãos de lutas e ideais.

- Em casa de d. Ida Mates ficaram abrigados o sargento Ernesto Zinck, Teobaldo Eustáquio, Arnaldo Schlicht, Antonio Feliciano Vieira da Rocha e Miguel Bianqui.

- Em casa do Mário Costa ficou o sargento Marcolino José de Oliveira, do 3.º Batalhão da Força Pública.

- Na casa do Dób João, o voluntário de Marília, José Bernardino.

- Na casa do Jose Fraissat de Almeida, coletor federal, ficou abrigado o sargento Celso, do Batalhão “Francisco Glicério”, que aqui permaneceu até o dia em que, de novo, voltaram a Caconde a tropas do Cap. Pinheiro.

- Em casa do Artur Babrboni ficou o cabo Marcolino.

- Na do respeitável ancião José Borges ficaram dois. Entre eles, o cabo José Pemet.

- Em casa do Virgilio Guimarães I, na do Teodoro Evangelista Cardoso I, na do Justo Vicente Ferreira I e na residência paroquial, pelo padre Aires, 3.

Entretanto, todos estes soldados – exceção feita ao Sargento Celso (!!!) – não se sentindo bem aqui, - ambiente formado de forças inimigas, - mau grado o conforto e proteção que lhes dispensavam as famílias, foram, aos poucos, guiados e encaminhados, sob disfarce, para São José do Rio Pardo, pela estrada que, á direita do cemitério local, conduz á Bocaina e cujo acesso de ir e vir, sair e entrar, a negligencia das tropas ocupantes evitou fosse impedido.

Essa estrada, mercê da Providência, tornou-se notável e memorável porque serviu, estrategicamente, ao povo de Caconde que, assim, todos os dias, recebia correspondência e informações de fonte paulista, incumbindo-se dessa tarefa arriscadíssima várias pessoas abnegadas das quais podem ser destacadas o Justo Vicente Ferreira, o Deoclides Marçal e o José Tigani.

Exibições, fatos, nobresa...

DURANTE a ocupação vários fatos comesinhos, é verdade, porém, vexatórios aos brios do povo desta terra, foram praticados por soldados que não conheciam os mais elementares princípios de costumes sociais.

Ética, é cousa que muitos deles jamais consideraram objeto de suas cogitações.

Uns, por ambição, outros por humilhação, outros ainda, por pilheria, viviam constantemente a matar o tempo, andando á matroca, valendo-se disso, para então, praticar atos e gestos acentuadamente deslouvaveis.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

O primeiro gesto dessa natureza, levado a efeito por alguns soldados, culminou na destruição da taboleta que estava postada á esquina do prédio em que reside Antonini Luis, taboleta essa que anunciava e indicava aos interessados a localização do “Hotel Paulista”.

Tratava-se, no caso, de uma represália. É que o proprietário do Hotel Paulista não quis, uma vez sequer, abrir-lhes as portas, por motivo de inoportunidade.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

- Ás 17 horas do dia 26 de Agosto descia do grupo escolar um pelotão sob o comando de um cabo. Rumou para o Hotel paulista, onde a “bóia” o esperava.

Ao chegar esse pelotão em frente ao Hotel, alguns dos soldados, fixando os seus olhares num grupo de curiosos que estava postado á esquina de baixo, vociferou: “que cara tão feia têm estes paulistas”.

Na mesma ocasião um negraço, atirando ao chão o képi exclamou: -- “Eu hoje sou o juiz de direito daqui. Amanhã não sei o que será de mim”. E voltando-se para o hoteleiro: -- “quero o rancho dobrado, sendo 2 kg de carne e 1 de jabá”.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

Um outro soldado, a seguir exige rancho separado. Não sendo atendido pelo hoteleiro, que o mandou para o pátio, onde os seus companheiros se estavam a reunir para a refeição, dum salto atingiu o meio da rua e ameaçou terras e mares, alegando que possuía dinheiro e, portanto, não necessitava de obséquios.

Esse soldado, que também era preto, quis, a todo transe, levar do Hotel uma refeição para sua crioulinha que, dizem, havia trazido em sua companhia de Muzambinho e que alhures aqui se encontrava.

Está claro que o “valiente” em nenhuma de suas exigências pode ser atendido.

XXXXXXXXXXXXXX

--- Em 30 de Agosto, registou-se um incidente grave, verificando á porta do Hotel Brasil.

Como era hábito, alguns populares, por curiosidade, reuniam-se, todos os dias, ao anoitecer, no prédio em que está situada a padaria e confeitaria do Mário Costa. Alguns chegavam mesmo a sentar-se nos degraus das soleiras das portas.

Em frente, o Hotel paulista, que, durante o período da ocupação deu abrigo á officialidade ditatorial.

Nesse dia lá estava o 2.º Tte. Homero Matos. Oficial de estatura mediana, - prosélito, certamente, da escola que prega a violência - quasi todos os homens pequenos são assim - sofrem de nervopatia - não trepidou em vir á rua, de revolver em punho, e, exabrutamente, dispersar o pacato grupo de paisanos indefensáveis que se postava á porta da padaria.

--- “Não adm ito rodinhas. Rareim, rareim”, bradou, encolerizado, o “valente” official.

É bem de ver que, todas as pessoas, uma a uma, foram, intimidadas assim, procurando o caminho de suas casas.

Entretanto, o irrefletido gesto do Tte. Homero foi acremente reprovado pelos seus companheiros de armas, chegando mesmo alguns a declararem que esse official, naquele instante tão “valente” havia dado provas de fraqueza logo no inicio do tiroteio, pois, não vacilou em dar parte de doente. Abandonou o seu pelotão e baixou ao hospital de Muzambinho, aqui aportando só depois que teve conhecimento da ocupação da cidade pela s tropas do Cap. Faria.

Caso palpável, portanto, de gosamania...

XXXXXXXXXXXXX

---- Certos soldados, conduzindo-se com deselegância moral, afrontavam as famílias locais com os seus deboches, isto é, fazendo-se companheiros de mulheres decaídas, com elas divagavam, jornadaavam pelas ruas e pelas praças, á luz meridiana, sem que, entretanto, o delegado militar, ao menos com relação ás mulheres, uma providencia repressiva tivesse ordenado.

Abuso inqualificável, muito fácil de corrigir, se quizessem...

XXXXXXXXXXXX

--- Estava as tropas prontas para a partida em direção á ponte do Limoeiro, sobre o rio Pardo, que dá acesso para São José do Rio Pardo.

Um soldado, desejando “m olhar” a guêla, desceu á toda e foi ter á confeitaria Toscana, do Alfredo Néri.

Ali, pediu um “trago” ao Zequinha. Não foi servido porque não existia mais aguardente.

Zangou-se o ditatorial, por isso. E ofendendo a dignidade do jovem e distinto cacondense, saltou á rua, em punhou o fuzil e manobrou-o com objetivos sanguinários.

As balas caíram ao chão. Apanhando-as, resolveu o soldado “valente” reconsiderar o ato, tomando o rumo do grupo escolar.

A par das atitudes tais, surgem, quasi sempre, gestos de nobreza.

Dois soldados que guameciam o centro telefônico, cientes do fato que se desenrolara, foram ter á Confeitaria Toscana e ali pediram explicações, afim de que o turbulento fosse castigado.

E o foi, implacavelmente.

Presenciaram a cena que acima vai narrada o Dr. Mariano Boreli, o Juca Costa, o Alcides Vasconcelos e outros.

XXXXXXXXXXXX

--- A principio, durante um período de 10 dias mais ou menos, os comerciantes não quiseram abrir os seus estabelecimentos, receiosos de violências.

Entretanto, dadas as condições de garantia que o comandante das tropas e o prefeito lhes ofereceram, deliberaram todos a abrir, de novo, as suas casas comerciais.

Tudo correu, então, com o se havia assegurado, sem incidente algum.

XXXXXXXXXXXX

--- No seio da tropa havia grande numero de soldados que eram partidários de Artur Bernardes, não sendo poucas as vezes em que vieram á baila discussões

acaloradas acerca da personalidade do grande político mineiro, hoje uma das mais expressivas figuras de Estado que o Brasil contempla com orgulho.

Foi preciso, às vezes, interferirem-se terceiros para impedir explosões violentas entre os que tinham e os que não tinham simpatia pelo eminente homem público nacional.

XXXXXXXXXXXXXXXXXX

--- Logo que entraram em Caconde as tropas ditatoriais, o Cap.Faria teve ocasião de tecer elogios á coragem inaudita do povo desta terra, pois, durante o tiroteio, houvera presenciado com o seu possante binóculo o movimento constante de transeuntes pelas ruas desta cidade, entre os quais crianças e senhoras, que não temiam as balas inimigas.

XXXXXXXXXXXXXXXXXX

--- Não se esqueceu também o simpático oficial mineiro de louvar a ação dos soldados da Lei, que a todo transe, se opuzeram heroicamete á investida inimiga, lutando como tigres, em bora com carência de munição e de reforço.

Emquanto os ditatoriais dispararam 65 mil tiros os paulistas, na defensiva, dispararam apenas 10 mil.

XXXXXXXXXXXXXXXXXX

--- Segundo disseram alguns oficiais e inferiores mineiros, em certa altura da luta começou a propagar-se o desanimo no seio das tropas ditatoriais, pois, a resistência de tantas horas que lhes opuzeram os paulistas causou-lhes surpresa e admiração, visto que, tinham saído de Muzambinho, certos de aqui entrariam pela manhã, onde tomariam café, rumando, a seguir, para São José do Rio Pardo, onde almoçariam. (!!!)

XXXXXXXXXXXXXXXXXX

--- Durante a ocupação, inúmeras foram as requisições feitas pelo Cap. Faria e pelo prefeito municipal, José Sebastião de Sousa, que diga-se de passagem, durante a sua gestão como Governador da cidade, conduziu-se também com prudência e critério impecáveis, sendo, por isso, digna de aplausos a sua atitude.

Todas as requisições feitas revestiam-se das formalidades legais.

Entretanto, certo oficial pouco escrupulosos ousou requisitar alhures, certos objetos, com o armarinho e perfumarias, entregando-os depois a certa mundana que aqui se encontrava.

Houve mesmo, mais tarde, um médico que, abusando da situação, requisitou da Casa Mazili & Cia. Um a capa de fino gosto.

XXXXXXXXXXXXXXXXXX

O gado – porcos e bois ou vacas – foi, a princípio, abatido por meio de processos singulares, originaes.

Conhecido o sítio onde se encontrava o gado, para lá se dirigiam alguns soldados de fuzis e, no pasto ou invernada, abatiam a tiros, o pobre irracional de cuja carne necessitava,

O grupo escolar transformara-se em açougue. Quanto s suínos foram ali mortos em plenas salas de aula onde, anos a fio, tem os pregado aos alunos tantos princípios elementares de higiene e de civismo!

XXXXXXXXXXXXXXXXXX

--- Os mendigos desta cidade, durante os dias da ocupação, tiveram, diariamente, o ensejo, o doce ensejo, de serem contemplados com esmolas dadas, em profusão, pelos soldados da Ditadura.

Em frente ao grupo escolar a distribuição de viveres e vestuário era feita a mãos cheias.

E os mendigos, entre os quais, alguns que aqui residem e nunca esmolaram, agradeciam a dádiva com as seguintes palavras: “Deus os recompense. Nunca os paulistas foram tão generosos”.

Mendigos ingratos! Não sabíeis, então, que a esmola era dos paulistas, dada com mão alheia?

XXXXXXXXXXXXXXXXXX

--- Durante todo o tempo em que Caconde esteve sob o domínio das forças ditatoriais, aqui circulavam apenas dois jornais que eram distribuídos em profusão gratuitamente: --- “O Minas Gerais” de Belo Horizonte, e o “Correio da Manhã”, da capital federal.

Esses órgãos de publicidade, que estampavam as notícias da guerra ao sabor das conveniências do momento, nem por isso eram disputados, ou melhor constituíam objeto de interesse por parte da população, embora sejam órgãos de prestígio e tradição.

A folha mineira, principalmente, caiu logo na aversão dos paulistas, visto que, todos os dias, publicava os discursos que eram pronunciados ao rádio, em Belo Horizonte, muitos dos quais, feitos com paixão, enfeixavam um acervo de desairosas considerações contra os políticos do nosso Estado.

Tais discursos estavam longe de se identificarem com os pronunciados pelos oradores paulistas, tal a elevação de conceitos e de nobreza coestaduana com que estes sempre se dirigiam quer ao povo, quer ao Governo, quer aos políticos das alterosas.

XXXXXXXXXXXXXXXXXX

Apezar da ocupação, ainda assim não nos faltavam notícias do resto de São Paulo. Várias pessoas, indo todos os dias a São José do Rio Pardo, incumbiam-se de trazer, no regresso, jornais paulistas e informações de toda espécie.

Além de tudo, ainda funcionavam diariamente, os aparelhos de rádio que aqui existiam.

Evidentemente, tudo isso conseguia-se, burlando-se a severa vigilância dos ditatoriais

XXXXXXXXXXXXXXXXXX

--- Tendo tido conhecimento o comandante das tropas ocupantes de que em casa de d. Ida Mates existiam soldados paulistas abrigados, assim como amamentos e

munição, para lá foi uma patrulha mineira, encarregada de tomar as providências que o caso exigia.

A casa estava fechada, porque a família Mates, nessa ocasião, encontrava-se noutra sítio.

Arrombaram os ditatoriais a casa nela penetraram. Entretanto, nada encontraram. Nem soldados paulistas, nem armamentos e munição.

Era “borelica” a denúncia, isto é, improcedente.

Entretanto, os soldados minérios foram nobres, chamando duas pessoas vizinhas para que testemunhassem o arrombamento e verificassem que nada de violências haviam cometido.

Um dos soldados chegou mesmo a escrever, atrás de um espelho existente na casa, o seguinte: -- “Soldado mineiro não é o que dizem. Aqui estivemos, porém, sem que tocássemos em cousa alguma desta casa”.

De fato, foram corretos. Cumprindo a sua missão, deixaram a casa, fechando-a como haviam encontrado.

Soldados paulistas lá estiveram abrigados, anteriormente, é verdade, indo depois, em momento oportuno, para São José.

Que o diga o José Pinto dos Reis, que, várias vezes, arriscando sua vida, levoulhes a libertação, no porão em que eles estavam.

XXXXXXXXXXXXXXXX

A ação dos oportunistas

EM CA CONDE jam ais existiram ditatoriais.

Pelo menos isso foi notado até o dia em que as tropas mineiras ocuparam essa cidade.

Entretanto, convém registrar, apenas dois honrados cidadãos, dignos de todo o apreço, que aqui residem há vários anos, - Ricardo N. de Paiva e Teodoro Evangelista Cardoso – é que, em período arriscado, tiveram a honrabilidade de se declararem pela Ditadura e que, por isso, se submetiam ás conseqüências que de suas convicções sobrevivessem.

São dois cidadãos de honrabilidade intangível, sensatos, leaes, que aí estão e que, de modo algum, têm se envolvido na política local e na vida do povo, não criando, como criaram os oportunistas, uma situação de verdadeira intranqüilidade no seio da família cacondense, e que, dia a dia, vem recrudescendo com intensidade.

Durante a ocupação vários fatos foram consumados graças á ação de alguns indivíduos fantasmagóricos que quizeram, desde logo, tornar-se agradáveis ao Cap. Faria e ao prefeito municipal, levando-lhes ao seu conhecimento notícias da existência, em certos lugares, de gasolina, automóveis, caminhões, gado, cereais, etc.

Para tanto tiveram um testa de ferro, o individuo Arlindo de Sousa, que apesar do seu hábito anormal, tornou-se perito na arte da delação.

Contra a sua vontade, teve o cap. Faria, está claro, necessidade de tomar certas providencias contra os que haviam ocultado gasolina e veículos.

E o distinto oficial mineiro, agastado, enojado diante de tantas denúncias que ao seu conhecimento foram levadas, teve o ensejo de declarar “que os maiores inimigos do povo cacondense não eram eles, os ditatoriais, e sim alguns paulistas que aqui residiam”.

Inimigos, porque? E, entretanto, eles ainda aí estão e são os mesmos.

Mas, seja-se franco. Foram pela Ditadura? Foram, algum dia ditatoriais? Pegaram em armas para defender o Governo do Sr. Getulio Vargas? Escreveram nos jornais alguma cousa, alguma vez, em beneficio da Ditadura? Demonstraram, com palavras ou com fatos uma vez sequer, que o regimen ditatorial é o que melhor se recomenda a uma nação civilisada, com o é o Brasil?

Apresente-nos, cada um, uma folha, uma pálida folha de serviços, que tenham prestado á Ditadura e todos convencer-se-ão da verdade das convicções que alimentam.

Eu também não peguei em armas contra a Ditadura, porém, lancei mão de todos os recursos de que dispunha para ficar com o meu Estado. E disso não me arrependerei, jamais.

Entretanto, coerente com as minhas convicções – sempre o fui – não deixo, porém, de respeitar a opinião e o seu sentir dos adversários que lealmente o sejam.

E em Caconde, todos os sabem, quem poderia ter autoridade para falar em nome da Ditadura, se assim o quizessem, porque para tanto se manifestaram, só há

duas pessoas: o Ricarti Noronha de Paiva e o Teodoro Evangelista Cardoso, que porém, dignamente continuam a tratar unicamente dos seus interesses particulares.

Quanto aos outros, diga-se, sem rebuços, são oportunistas contumazes

Antes da Revolução eram por São Paulo.

Durante a Revolução, enquanto aqui permaneceram as tropas paulistas, eram por São Paulo.

Deram ouro para São Paulo, deram capacetes de aço para São Paulo, hospedaram soldados paulistas, abrigaram soldados paulistas, bateram palmas ao Ideal paulista.

Caiu Caconde em poder das tropas ditatoriais. Tornaram-se ditatoriais e pintaram ao diabo.

Mais tarde os ditatoriais retrocederam e voltaram os paulistas.

De novo, ficaram com São Paulo.

Nesse dia memorável – volta dos paulistas – o Atílio Guidi, com intuios de agradar, ofereceu aos filhinhos do Dr. Raul Galvão que estavam á porta de sua casa, alguns bombons, declarando a alguém: “agora sim, estamos, de novo, garantidos”.

Não me refiro a todos eles, porque desse grupo excludo uns dois ou três que, afinal, têm sido sensatos.

Finalmente, houve o desfecho da luta. Todos ditatoriais novamente.

Se São Paulo tivesse colhido os louros do triunfo, não nos iludamos, teriam ficado com São Paulo.

São, pois, oportunistas, que nunca tiveram na vida ideal político.

Elementos vacilantes, que põem em perigo até o próprio Governo de que hoje pretendem ser colaboradores.

Prefira o Governo ditatorial um adversário de peito descoberto, porque é leal, que milhares de amigos mascarados do jaez desses que em Caconde existem, porquanto a sua política nunca esteve e nunca estará a serviço da Ditadura e sim de interesses subalternos locais, que culminam na perseguição que vêm movendo contra funcionários zelosos que aqui exercem a sua atividade.

Política rasteira de quem quer conquistar cargos públicos e nada mais

XXXXXXXXXXXXXXXXXX

A ocupação de Tapiratiba

TAPIRATIBA, cidadezinha formosa que dista desta cidade cerca de 15 quilômetros, foi ocupada pelas tropas da Ditadura em 29 de Agosto, por volta das 17 horas.

Essas tropas partiram todas daqui em caminhões, conforme os dois flagrantes que ilustram este capítulo.

Estando Tapiratiba abandonada, pois os soldados paulistas tinham-se retirado para Itaiquara, não encontraram obstáculos os ditatoriais para ocupá-la.

O Cap. Faria e seu estado maior para lá se transferiram, aqui ficando como comandante das tropas de ocupação o Tenente Luis



Rumo á Itaiquara

I DE SETEMBRO. Em Itaiquara, estação da Mogiana que está situada num vale apertado pelos outeiros da importante fazenda, do mesmo nome, existiam soldados paulistas, que aguardavam a chegada do inimigo.

Este, resabiado, foi, com prudência, apalpando o terreno.

Eram patrulhas avançadas, de reconhecimento.

Fizeram uma descarga. E outra. E mais outra. E foram descendo as colinas, tateando, observando.



E o grosso da tropa seguia-lhes as pegadas.

De súbito, respondem os paulistas, de alhures.

Tiroteio rápido, porém, violento.

Os paulistas retiraram-se, depois, sem nenhuma baixa para São José, cortando, antes, todas as comunicações comprometedoras.

Os ditatoriais, nessa luta, tiveram muitas baixas. Logo começaram a transitar por aqui caminhões cobertos a rigor, que transportavam para Muzambinho cadáveres e feridos.

Foi assim que Itaiquara caiu...

XXXXXXXXXXXX

Uma ponte lendária

*P*ARA se ir a São José do Rio pardo, passando-se pela fazenda Itaiquara, tem-se necessidade de atravessar o Rio Pardo, na ponte denominada “do Limoeiro”.

Essa ponte, em tempo de guerra, é uma espécie de missagra que obsta, ou melhor, dificulta a articulação das portas, a não ser por meio de estratégias praticadas com lentidão e engenhosa perspicácia.

Ali, ziguezagueia o rio entre serras e penhascos virentes,

A ponte, lá na baixada escura, nada mais é que um liame que o artifício humano constituiu para casar os penhascos que ficam a quem e além do rio.

Na ponte do Limoeiro – Verdun paulista – durante vários dias os ditatoriais tentaram, em vão, inutilizar a ação das tropas da Lei.

Mas, apesar de toda a sua potencialidade e de todos os seus esforços, não conseguiram transpor aquele reduto, em que os paulistas se portaram com galhardia e bravura notáveis.

O desânimo, começou, então, a dominar as forças da Ditadura, que, a certa altura da luta, chegaram mesmo a ficar encurraladas, ao pé da ponte.

Muitas as baixas que sofreram.

Não logrando, pois, transpor a ponte lendária, a fim de que fossem evitados golpes, que, certamente, pudessem trazer-lhes consequência, funestas, resolveram os ditatoriais abandonar aquela posição, voltando para Caconde, donde, no dia seguinte, partiram para a zona de “Sapeado”.

XXXXXXXXXXXXXXXX

Sincronizações da Guerra

*A*O iniciar-se o mês de Setembro, os exércitos constitucionalistas resolveram realizar a contra-ofensiva em toda a frente leste, de São Paulo.

Devido á forte pressão que impuzeram ao adversário teve este de retroceder, pondo-se em debandada.

Efetivamente, Limoeiro, Itaiquara e Tapiratiba foram, neste setor, as primeiras localidades que os ditatoriais abandonaram.

O Cap. Faria, passando por esta cidade rumou para a zona de Espírito Santo do Rio do Peixe, mais conhecido por “Sapicado”, onde a luta continuava encaixada, sem que, entretanto, fizessem progresso os ditatoriais, que sofreram duros reveses naquele pequeno rincão paulista.

Aqui, apenas ficaram alguns soldados e a guarda civil que viera de Muzambinho.

Durante todo esse período de tormenta para os ditatoriais houve, como é natural, várias deserções, tendo os soldados conseguido roupar com pessoas aqui residentes.

Alguns, disfarçados convenientemente, foram para Minas e outros permaneceram homiziados nesta localidade.

Foi durante essa situação angustiosa para os ditatoriais, que aqui vieram, procedentes de Muzambinho, algumas mulheres á procura de seus maridos, pois, segundo declararam, fazia muitos dias que não recebiam notícias deles, julgando-os, por isso, desaparecidos e também porque naquela cidade mineira muitos tinham sido os cadáveres já sepultados.

Há de registrar um outro fato que não deixou de deslustrar a conduta dos soldados que aqui ficaram sob o comando do Tte. Luis.

Vendo-se perdidos, é o que se supõe, não tiveram escrúpulo em abarrotar as suas mochilas de objetos escolares que estavam trancados nos porões do grupo escolar, assim como pôr á veda lápis, canetas, régua, cadernos, perneiras, penas e outros artigos, de que se tornou agente indiscreto o famoso Arlindo de Sousa, muito conhecido por “Arlindinho”.

O prof. Francisco Cocaro, que há longos anos vem dirigindo com inatacável conduta profissional o grupo escolar local, tendo tido conhecimento dos abusos que estavam sendo praticados – o prof. Cocaro encontrava-se na fazenda Conceição – imediatamente reclamou do Tte. Luis e do delegado militar, Tte. Moacir Bueno, as providencias que o caso exigia.

Feita uma diligência até o edifício do grupo escolar, ficaram estupefatos o prefeito municipal, o delegado militar e o prof. Cocaro, ante o panorama desolador em que, todo o interior daquele prédio, estava debuxado.

O arquivo desmantelado; as cortinas e cortinados rasgados e destruídos; as paredes assinaladas com manchas e garatujas de toda natureza; os armários devassados; os museus inutilizados; os porões arrombados; o almoço revirado de pernas para o ar; o gabinete do diretor transformado em cloaca da soldadesca e, o que é mais grave, o aparelho de cinema educativo – oferta da população local que custou 1:500\$000 – havia desaparecido do grupo escolar.

O Tte. Luis ordenou uma revista em regra nos seus soldados. E, daí, ao ter-se encontrado, nas suas mochilas, muitos objetos escolares que foram arrecadados pelo diretor do grupo.

Mais tarde foi também restituído, completamente danificado, o aparelho de cinema educativo, que estava no Hotel Paulista.

O prof. Cocaro fez afixar nos lugares públicos um aviso, convidando todos que tivessem adquirido objetos e utensílios do grupo a devolvê-los imediatamente, sob pena de serem responsabilizados.

Daí a poucos dias retiraram-se também do grupo os 40 soldados do Tte. Luis.

Em estado tal chegou, pois, a ficar o prédio em que funciona o nosso primeiro estabelecimento de ensino, que, mercê do notável espírito de organização que lhe tem dado o seu infatigável diretor, constitui uma das mais legítimas glórias do povo cacondense, que, todos os anos, tem assistido a passagem pelos seus bancos de pequenas gerações estuantes de civismo e aplainadas para o início da luta pela vida...

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

Retirada em polvorosa...

EM 12 de Setembro um vento forte começou a impelir para a retaguarda os minguados soldados da Ditadura que se conservavam nos postos de vigilância existentes em Itaiquara, Tapiatiba e pontes sobre o rio Pardo.

Nessa data, aqui permaneciam ainda o prefeito, o delegado militar e alguns guardas mineiros que guarneciam a cadeia e o telefone.

O Cap. Faria encontrava-se em “Sapecado” com as suas tropas.

O Tte. Luis, com seus 40 homens, também havia deixado o grupo escolar, rumo a “Sapecado”.

Às 11 horas, mais ou menos, uma notícia de mau grado chegou aos ouvidos do prefeito José Sebastião de Sousa e do delegado militar, Tte. Moacir Bueno, que, no momento, estavam sentados á mesa de refeição, no Hotel Brasil, para dar inicio ao almoço.

Diante da surpresa da notícia – algum rebate falso – ficaram sobresaltados e sem perda de tempo, tomaram as suas malas e precipitaram-se, a seguir, no automóvel, que se conservava habitualmente á porta do Hotel, rumando, á toda, para Muzambinho.

Os guardas, sem mais delongas, também deram ás de vila diogo.

Ficou, então, Caconde abandonada á sorte de sua população, sem autoridade de espécie alguma.

Daí a instantes soam as sinetas do centro telefônico. E o povo vai-se aglomerando nos seus arredores. Continuam a soar, incessantemente, as sinetas.

Que seria? Entretanto, daquele conglomerado de pessoas ninguém ousava penetrar no centro telefônico abandonado, para atender aquele chamado insistente que vinha de longe.

Porém, que perigo adviria se se atendesse o telefone? Nenhum certamente.

Daí o motivo porque eu eo Duzinho Marçal, “bancando o heroísmo”, penetramos no centro e atendemos o chamado.

O povo, fora, curioso!

Atendi. Falavam de Tapiratiba. Eram soldados da Ditadura.

--- Quem fala? É o dr. Sousa?

--- Absolutamente. O dr. Sousa já partiu para Muzambinho.

--- Quem está, então, ao aparelho?

--- Sou eu.

--- Eu, quem?

Nesse instante senti um calafrio, mas, mesmo assim, não perdi o senso das cousas. Resolvi, pois, inventar um nome qualquer. Inventei-o, de súbito.

--- Fala, aqui, o “Armando Rodrigues”.

--- Diga-me, sô Am ando, há forças aí, ainda?

--- Não senhor; todas as forças que aqui estavam retiraram-se, á pressas, para Muzambinho. Mas, não está a tardar a chegada das tropas paulistas.

Percebi que o fone caíra. O meu interlocutor, naturalmente, teve também um calafrio e, talvez, dos mais bruscos e violentos que se manifestam.

Mais alguns minutos e um automóvel, procedente de Tapiratiba, passava por esta cidade, numo a Muzambinho, conduzindo os últimos soldados que neste setor haviam ficado.

Eram eles os tais do telefone...

Nesse dia aqui estive, num a baratinha, o prefeito de Cabo-verde. Veiu visitar o seu colega, que não foi encontrado.

Ciente do que se passara, não vacilou em retroceder, voltando, de novo, para sua terra.

Diante da situação que se esboçara, eu, o Flaviano José de Oliveira e o Luis Orrico, cavalgando três dextros animais, rumamos para Tapiratiba, donde prosseguíamos até São José do Rio Pardo, afim de, avistando com o Tte. Cel. Romão Gomes, revela-lhe em que pé estava a situação para, assim, poder estudar as medidas que se impunham.

Chegando em Tapiratiba – eram 16 horas – tivemos conhecimento de que Caconde estava, de novo, guarnecida.

Arrepios a granel! Emoções que estartecavam os nervos. Tudo isso sentíamos. Desilusão geral.

Retrocedemos, pois. No regresso, eu e o Flaviano, passando pela fazenda Sta. Eudóxia, visitamos o nosso dileto amigo José Luis Dias, que se achava retido ao leito, gravemente enfermo.

Eram 2 horas da madrugada quando entramos nesta cidade. Silencio tumular.

Apenas, em frente á casa Barboni, alguns paisanos. Entre eles, o Artur Barboni e o Mário Costa. Disseram-nos que no grupo escolar estavam novamente aquartelados os 40 soldados do Tte. Luis, que haviam voltado de Espírito Santo do Rio do Peixe.

XXXXXXXXXXXX